

Revista Mídia e Cotidiano

Editorial

Volume 12, Número 3, dezembro de 2018

COTIDIANO, O ESTÉTICO-POLÍTICO E O DISSENSO

EVERYDAY-LIFE, THE AESTHETICAL-POLITICAL AND THE DISSENSUS

Jorge Cardoso FILHO¹ e Thiago SOARES²

Como falar em partilha e consenso no cotidiano sem levar em consideração a ideia de dissenso e toda a sua atualidade no contemporâneo? No mundo autorreferente e performático das redes sociais, o que resta dos corpos que emergem midiaticamente são vestígios - incertezas sobre a tangibilidade dos discursos. Podem os sentidos "existirem" aquém ou além da esfera sensível? O comum aparece como uma dimensão essencial da experiência.

Este dossiê que apresentamos aborda em seu conjunto de textos os limites e as potências do comum. Ou como atesta Rancière, "a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas". Como atesta o autor, uma partilha do sensível fixa, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. "A partilha do

¹ Jorge Cardoso Filho é Diretor do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, UFBA, e do mestrado em Comunicação da UFRB. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - PQ nível 2. Jornalista graduado pela UFBA (2004), mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA (2006) e doutor em Comunicação pela UFMG (2010). Autor dos livros Poética da música underground (2008) e Práticas de Escuta do Rock (2013). Organizador das coletâneas Experiência Estética e Performance (2014) e Comunicação e Sensibilidade: pistas metodológicas (2016). Tem experiência na área de Teorias da Comunicação e das Linguagens, atuando principalmente nos seguintes temas: Música, Estética da Comunicação, História dos Meios e Crítica Cultural.

² Thiago Soares é Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Realizou pós-doutoramento na Universidade Federal Fluminense (UFF); doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Análise em Música e Audiovisual (LAMA/UFPE). Autor dos livros Ninguém é Perfeito e a Vida é Assim: A Música Brega em Pernambuco (2017); A Estética do Videoclipe (2014) e Videoclipe, O Elogio da Desarmonia (2004) e de inúmeros artigos e ensaios sobre interfaces música e mídia; performance; audiovisual; cultura pop; jornalismo e cultura de celebridades.

sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce", ou seja, estamos tratando de políticas e de polícias. Aproximações, afastamentos, deslocamentos. Senhas de entrada e de permanência. No cotidiano das mídias e com as mídias, o que define a visibilidade senão um conjunto de dispositivos que engendram nossos olhares.

Nesse sentido, compreendemos a importância de abrir o dossiê com a reflexão acerca do método desenvolvido por Jacques Rancière para pensar as condições de emergência da igualdade nas situações da vida cotidiana no artigo **O método da igualdade em Jacques Rancière: entre a política da experiência e a poética do conhecimento** que demonstra como o autor configura uma forma polêmica de reenquadrar o comum a partir da subversão de uma dada distribuição do sensível e da criação de cenas de dissenso entre duas ordens heterogêneas e articuladas: a ordem policial e a política. Na esteira desta caracterização, identificamos em **O Gesto monumento: a essência do fazer político**, uma preocupação semelhante ao tratar os gestos como atos políticos, aquém da necessidade de comunicar objetivamente por ser pura intenção, sem formulação. O gesto como expressão da sobrevivência de vontades é observado nos filmes estudantis de Maio de 68 e do cinema amador no Ocupe Estelita, por uma outra perspectiva conceitual, mas que demonstram também a necessidade de reorganização do regimes de partilha em seus respectivos contextos históricos - promovendo desejáveis anacronias.

A partir daqui, gostaríamos de deixar mais explícita a intenção do dossiê de estabelecer um diálogo não dogmático entre perspectivas teóricas e metodológicas dos diversos autores com a obra de Rancière, estimulando inclusive a identificação de possíveis tensionamentos.

Em **Anúncios publicitários de moda Plus size: políticas de visibilidade e ativismo digital**, observa-se a necessidade de refletir sobre a dimensão política na visibilidade do corpo *plus size*, a partir do ativismo online, a fim de compreender a articulação entre estética e política na sociedade midiaticizada contemporânea. Já no artigo **É possível produzir um comum no dissenso? As “tretas virtuais” como caminhos para pensar a política hoje – o caso Casa Nuvem-Casa Nem**, o ativismo digital

continua em foco, mas desta vez em diálogo com a Teoria Ator-Rede, entendendo que como característica das disputas online são amplas e multisituadas, que se dão em rede. Dessa forma, a análise empreendida dá ênfase também aos aspectos sociotécnicos, que implica pensar a relação e interação entre redes digitais e presenciais, construindo uma observação em rede de humanos e não-humanos. Apresentar uma crítica às noções de agência, sujeito e política que edificam algumas teorias sociológicas de movimentos sociais a partir do conceito de “subjetivação política”, de Jacques Rancière, é o objetivo do artigo **TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS, JACQUES RANCIÈRE E A “SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA”: NOÇÕES DE AGÊNCIA, SUJEITO E POLÍTICA SOB A PERSPECTIVA ESTÉTICA DA “CENA DE DISSENSO”**. Nessa direção, o artigo empreende uma revisão de conceitos que norteiam algumas das teorias dos movimentos sociais de forma a identificar, em contraste com o pensamento de Jacques Rancière, pressupostos e modelos de sujeito que são tomados como dados ou necessários para a própria operacionalização dessas teorias e, sem seguida, descreve a cena de dissenso promovida pela luta antimanicomial de Minas Gerais. **Dissensos e representações sociopolíticas em Os Sete Gatinhos: conceituando a política do cotidiano a partir de uma pornochanchada**, problematiza as relações entre o conceito de política do cotidiano e as dinâmicas sociopolíticas expressas nas pornochanchadas, usando como exemplo o filme *Os Sete gatinhos* (1980), de Neville d’Almeida. A entrada de Bourdieu e Foucault na discussão banha o campo de diálogos e tensionamentos com Rancière com outras variáveis, demonstrando como o filme em questão promove a estetização e arquivamento do cotidiano em tempos de autoritarismo político.

Uma articulação possível entre a conceituação de afetos e a discussão sobre o sensível pode ser apreendida a partir do artigo **CORPO-NA-RUA: A MICROPOLÍTICA NA CORPOGRAFIA DE RICARDO ALVARENGA**. Aqui busca-se examinar espelhos curatoriais de uma seleção de foto-performances do Ricardo Alvarenga, que reflete a potência comunicacional provinda da alteridade entre um corpo que traceja lugar e um espaço corporado, numa experiência de si que desagua na criação de cidades subjetivas. Essa inscrição dos corpos na cidade e da cidades nos corpos também interessa ao artigo **A emergência do cartaz nas Jornadas de Junho: excesso**

de palavras e políticas da escrita insurgente, que analisa a produção de cartazes que circularam nas Jornadas de Junho (2013), colocando em prática o exercício da escrita insurgente e suscitando modos excessivos de trazer vocabulários para as cenas coletivas de enunciação, apontando para o modo como as práticas de produção e circulação dos cartazes nas Jornadas de Junho contribuíram para que a rua se tornasse mais do que lugar de consumo e fluxos capitalistas, redefinindo o uso e a percepção dos espaços urbanos. Finalmente, o espaço, de forma mais ampla, é objeto de estudo do artigo **Paisagem-interdição: a regulamentação do visível na cartografia 2.0**, quando surgem portais gratuitos abertos a reinterpretação de seu conteúdo, que visam resolver problemas de navegação pelas cidades. Interessa pensar os cenários onde as vistas aéreas do Google Earth apresentam dissonâncias, dissensos, impedimentos. Uma geografia que escapa a lógica de cálculo das coordenadas cartográficas – os critérios estáveis das projeções óticas que construíram, desde o Renascimento, a representação do espaço na paisagem (pictórica e fotográfica).

O dossiê caminha para seu fechamento com o artigo **Negro é lindo: estética, identidade e políticas de estilo**, que nos apresenta como Movimento Black Rio se configurou como uma cena musical no Rio de Janeiro dos anos 1970, marcada pelo consumo da *soul music* e influenciada por uma produção massiva negra internacional. Reflete, portanto, sobre como as políticas de estilo da cena Soul indicavam as estratégias reorganização dos regimes de partilha do sensível, cuja retórica no plano estético-celebratório, a partir da combinação da moda, música, lazer, performance, possibilitou processos alternativos de subjetivação, condições de existência material e estratégias políticas alternativas contra o racismo. **Em Tela plural? Cultura na televisão brasileira**, apresenta-se aos leitores a possibilidade de refletir sobre o modelo de comunicação implementado no Brasil, a partir da análise dos conteúdos produzidos e veiculados pela televisão aberta, o artigo demonstra que a programação presente nas telas da TV brasileira mostra padrão cultural diferenciado, congruente com a modalidade de serviço de radiodifusão considerado: cultura de massas nas telas das TVs comerciais e cultura de “elite” e popular nas telas das TVs públicas. Também identifica, não apenas distinções gerais entre programas “culturais” e “comerciais”, mas a presença de uma

noção cultural “estabelecida” igualmente importante em cada tipo de programação, o que demonstra as noções policiais que a políticas de comunicação tem adotado como modus operandi. Por fim, **As canetas corretoras e o Jornalismo em tempos de redes sociais** nos questiona como a circulação de produções de páginas que questionam e buscam reescrever os conteúdos jornalísticos estabelecem uma forma comum de contestação dos sentidos informativos em redes sociais. O artigo compreende tais ocorrências por meio das noções de paratexto e da percepção de mídia hostil.

Nesta última edição do ano, além de cinco artigos que refletem sobre o cotidiano e as práticas da cultura midiática, a Seção Livre apresenta a tradução de **Beyond the Ladder of Participation: An Analytical Toolkit for the Critical Analysis of Participatory Media Processes**, artigo de Nico Carpentier publicado originalmente em 2016 na revista *Javnost – The Public*. A partir de uma discussão sobre as diferentes matrizes teóricas do conceito de “participação”, Carpentier oferece um modelo analítico para a pesquisa em Comunicação que permite compreender a participação como produto das relações de poder entre os atores envolvidos em processos midiáticos participativos. Em *Além da Escada da Participação*, portanto, Carpentier demonstra como o conceito de participação adquire nuances distintas em abordagens de base sociológica ou política, enfatizando os problemas subjacentes a cada uma e o risco de esvaziamento da própria ideia de participação em si.

Com o objetivo geral de ressaltar a dimensão pedagógica do audiovisual, Wellington Oliveira dos Santos analisa o filme *Corra!* dirigido por Jordan Peele, propondo um debate acerca da representação da masculinidade negra em **Corra! e as relações inter-raciais na Diáspora: para uma discussão educacional**. Por sua vez, Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes defendem a necessidade de compreensão mais ampla de práticas midiáticas capazes de emancipar os idosos em **As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação**. No trabalho **Memória em movimento: reflexões sobre o uso do audiovisual em expedições no Maranhão**, Antônio Cordeiro Feitosa, Clara Cardoso Ferreira Costa, Gustavo Henrique Sampaio Martins e Héveny Daniele Silva Araújo apresentam o caso do acervo audiovisual produzido pelo projeto “Missão de Pesquisas Folclóricas” de Mário de

Andrade. Finalmente, **Telenovela e recepção: um estudo sobre o público masculino universitário**, de Alessandra Pinto de Carvalho e Andreza Patricia Almeida dos Santos, baseia-se na abordagem etnográfica para compreender a interação de jovens universitários por meio do hábito de assistir telenovela, enquanto **Breaking Bad e a Análise Estrutural da Narrativa de Roland Barthes**, escrito por Cristiano Max Pereira Pinheiro, Marsal Alves de Ávila Branco, Maurício Barth, Débora Wissmann e Raona Nunes, é uma avaliação de caráter exploratório dos elementos que compõem o formato narrativo proposto pelo piloto do seriado.

Esperamos que esse conjunto de reflexões estimule a sistematização da fortuna crítica já disponível no campo da Comunicação sobre os vínculos entre estética e política!

Jorge Cardoso Filho e Thiago Soares
Editores Convidados